

Um livro, diferentes modos de ler

Ilsa do Carmo Vieira Goulart¹

Resumo

Este trabalho objetiva apresentar modos de ler de leitores distintos, denominados aqui guardadores de seu primeiro material de leitura, na tentativa de compreender como se dão as práticas de leitura em diferentes tempos e lugares. A partir do depoimento de pessoas acima de cinquenta anos que relatam suas experiências de leitura ocorridas e vivenciadas com/sobre um objeto-livro, o presente trabalho questiona o que as práticas leitoras efetuadas em ambientes escolares e não escolares podem revelar e desencadear no leitor no decorrer do tempo. Embasado nas concepções de Darnton e de Chartier a respeito da história da leitura e do livro, o texto procura discutir questões como a materialidade do impresso e as práticas de leitura que o acompanham.

Palavras-chave

Livro; leitura; leitor; modos de ler.

Abstract

This work aims to present ways of reading from different readers, called savers in first reading material, in an attempt to understand how they constitute the practice of reading at different times and places. From the statement of persons above 50 years of reading experiences occurred with an object-book, this present work answer what reading of practices made in school environments and non-school may reveal and trigger in the reader over time. Based in conceptions of Darnton and Chartier about the history of reading and book, the text seeks to discuss issues such as materiality of printed and practice of reading that accompany it.

Keywords

Book; reading; reader; ways of reading.

Chegando em casa, não comecei a ler.

Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter.

Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardava o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes.

Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. (LISPECTOR, 1998).

Com o objetivo de compreender e refletir as maneiras de ler em diferentes tempos e lugares, tendo o livro como um objeto propulsor de ações leitoras, é que assumimos, neste trabalho, a proposta *audaciosa* de aproximar, descrever e classificar as ações leitoras que acompanharam um material de leitura, num determinado tempo e lugar, e desencadearam um momento de apropriação do texto. Essa apropriação destaca-se por aquela “coisa clandestina que era a felicidade”, concretizada pela satisfação – proporcionada por uma determinada prática de leitura – de ter consigo um livro, de estar com ele e de desfrutá-lo pelos sentidos e pelos sentimentos.

O trabalho pretende descrever a leitura como um ato constituído por uma variedade de ações praticadas pelo leitor e como uma atividade intermediada pela materialidade de um impresso, decorrentes de um momento específico, desfrutado, pela criança, na infância – uma fase da vida marcada pelas descobertas e pela aprendizagem de um modo de ler. Ações leitoras que aparecem cercadas de aproximações que levam a um saber, que proporcionam relações interpessoais

¹ Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação (FE-Unicamp). E-mail: ilsa.vieira@uol.com.br

e que garantem a interação com um material de leitura. Uma prática que, aprendida sistematicamente ou apropriada socialmente, é acompanhada por gestos, maneiras, usos característicos de compreensão e de efetuação da leitura-escrita; e que se utiliza do livro como um objeto concreto e mediador na relação do leitor com a aprendizagem da leitura.

Ao trazermos para a discussão diferentes modos de ler, assumimos antes a incumbência de refletir sobre a leitura como uma atividade, como uma prática social e, destarte, direcionar olhares reflexivos às suas formas de procedência. A leitura, para Chartier (1990, p. 136), não acontece de maneira única, mas decorre de uma prática criadora e plural, cujas formas de ler se alteram conforme mudam os leitores. Os textos e as palavras, embora tentem impor ou moldar significados, fracassam, pois “as práticas que deles se apoderam são sempre criadoras de usos ou de representações que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtos de discursos e de normas”.

Segundo o autor (CHARTIER, 1994; CAVALLO; CHARTIER, 1998), há, para cada comunidade de leitores, uma determinada maneira de ler, um uso específico de um material de leitura e dos instrumentos interpretativos. E, assim, o que regerá essa prática dependerá das maneiras como o texto é lido. Tal forma de ler varia, pois cada leitor apresenta uma capacidade distinta e estabelece uma relação com o escrito que lhe é única, singular.

Considerando que se “deve levar em conta, também, que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos” (CHARTIER, 1994, p. 13), o presente trabalho utiliza-se, como objeto de análise, de relatos da primeira experiência de leitura de diferentes leitores, ocorrida na infância.

A partir da memória reconstruída pela palavra, os depoimentos de pessoas acima de cinquenta anos, que guardaram consigo seu material de leitura durante décadas, tornam-se o fio condutor para investigar que motivos levaram tais pessoas a conservarem seus livros, e quais sentidos, valores e sentimentos estariam agregados a esse material de leitura.

Os relatos mostraram-se um objeto surpreendente de estudo e reflexão; cada depoente ofereceu à pesquisa a história de sua primeira experiência de leitura com o livro que guardou. Histórias que se

tornaram conteúdo relevante para a pesquisa de mestrado desenvolvida na Faculdade de Educação da Unicamp, intitulada *O livro*: objeto de estudo e de memória de leitura, e também para a construção do presente artigo.

A análise dos depoimentos referentes a essa experiência de leitura possibilitou identificar e atribuir à ação ledora características distintas. A leitura, enquanto prática social, não se constitui da mesma forma nem para um único leitor nem para diferentes leitores: o texto apresentará o ato ledor como uma atividade realizada ora em ambiente escolar ora em ambiente familiar – ensinada, apreciada, compartilhada, ensaiada e declamada publicamente. Uma prática que se realiza acompanhada de outras atividades que envolvem ações concretas do leitor, seja por gestos, postura corporal, atos, musicalidade, sensações, sentimentos, seja por modos característicos de aprender e ensinar, reveladores de um determinado tempo e lugar.

Leitura ensinada

A leitura aparece, nesta pesquisa, como decorrente de uma aprendizagem sistemática, desenvolvida sob metodologia e prática pedagógica específicas. O depoimento de D. S., sessenta anos, referente à sua experiência de leitura com seu livro *O tesouro da criança*, de Antônio D’Ávila, apresenta uma prática ledora envolvida por gestos, por uma postura distinta do corpo e das mãos, uma determinada posição frente aos colegas, aprendida no ambiente escolar. A leitura mostra-se uma prática direcionada e orientada pela ação docente, como atividade a ser aprendida, aplicada, treinada e exposta a um público:

Pesquisadora: Como a senhora lia este livro, era só na escola ou lia em casa também?

D. S.: Também... Era assim, a professora marcava a leitura... na... no tal dia tinha o dia... toda a semana tinha o dia da leitura e todos, todos os alunos faziam a leitura, aí tinha a postura... [D. S. ficou em pé, se posicionou e mostrou como se fazia a leitura.] Ficava na frente da sala quando ia ler, pegava o livro com a mão [direita], ficava com a mão [esquerda] para trás e com o dedo no meio do livro, tinha que ficar assim.

[Risos, tive de ajustar a filmadora.] Até isso a gente aprendia, postura para a leitura, a professora falava: “Fica com o corpo reto”.

Pesquisadora: Tinha que ler em pé?

D. S.: Em pé. Todos iam na frente pra ler e cada um lia o que tinha marcado, comentava sobre o que tava lendo, o que achou da leitura e era isso daí.

Ao ato de ler é atribuída certa valoração e amplitude, uma prática ritualística seguida de ações coordenadas e movimentos regrados, que requerem uma atitude respeitosa, realizada com firmeza e elegância. Uma prática acompanhada pela oralidade da escrita, por gestos e expressões corporais, o que atribui ao leitor autoridade sobre o texto, torna-se uma atividade imponente para aquele que a executa.

As atitudes do leitor com e sobre a materialidade do livro marcam ou instituem, nas palavras de Goulemot (2001, p. 109), um “corpo que lê”. Para o autor, a situação de leitura e o leitor são denominados de “fora-do-texto” e definem um sentido para além das palavras, referem-se às atitudes do corpo (sentado, em pé, deitado, solitário ou em público), às circunstâncias externas (clareza, barulhos) ou mesmo à disposição pessoal (sonolência, dor física). Tais ações criam um ritual de leitura e são essas atitudes do leitor que possibilitam a construção de sentidos.

E o bom desses livros é que as histórias dele são todas... assim... dando uma... um ensinamento... Tem uma do cavalo, que eu gostava muito: “A súplica do cavalo”, que ele fala que ele já tá velho e pro dono dele não maltratar ele, não bater nele, quando ele não anda, porque ele já tá cansado, pra olhar os dentes dele porque, às vezes, ele sente dor. Interessante... Quase todas as histórias têm um ensinamento, tinha um ensinamento pra criança, né, eu acho isso muito bom. (D. S.).

Além do ensino sistemático da leitura, o depoimento revela outro *ensinamento* por meio da aprendizagem contida nas histórias do livro. Há duas aprendizagens em jogo: a prática ledora e a apropriação do conteúdo narrativo, numa vertente valorativa e moralizante. O texto contém uma lição moral, cívica, que remete à formação de uma postura ética em relação à sociedade e induz à reflexão e à adesão ao bom comportamento diante de objetos, animais, coisas e outras pessoas, o que é perceptível em outro depoimento:

Pesquisadora: O que o senhor mais apreciava neste livro naquela época, o que mais marcava quando o senhor olhava...

P. M.: O que mais me marcou foi que essas histórias parecem que elas falavam na vida da vida, quando, por exemplo, a história do Joca: [acompanhando no livro] Joca era um coelho que entrava na horta para roubar cenouras, né, então um dia o dono da horta pegou ele, é... e... ia comê-lo, mas a esposa ficou com dó, ficou chorando, né, então ele falou: “Vai embora”. E a mãe sempre dando a lição, não faça meu filho, porque um dia pode ser pior, não sei o quê, e ele teimava, até que um dia ele voltou novamente para roubar as cenouras, o dono pegou e comeu, e ele virou uma pratada, quando a mãe foi procurar só achou lá as coisinhas dele e tava chorando: “Eu falei tanto pro meu filho”. Então, mostrava e no fundo era uma lição pra gente, a história ensinava que a gente não devia fazer as coisas erradas.

No depoimento de P. M., 48 anos, sobre sua relação com os textos de *As mais belas histórias*, de Lúcia Casasanta, é possível perceber o quanto as narrativas lhe trouxeram *ensinamentos* por meio dos comportamentos errôneos dos personagens, por apresentarem lições de vida, ou melhor, por mostrarem como não se deve comportar. Uma prática de leitura reveladora de um objeto-livro que deixa marcas no leitor pelos diferentes escritos, e de textos que evocam mudanças de condutas.

Leitura apreciada

A leitura, nesse caso, acontece movida pela apreciação da narrativa textual. Há um envolvimento afetivo com a história contida no livro, ora por uma identificação com os personagens ou com o enredo, ora pela proximidade entre o que o texto oferece e circunstâncias vividas pelo leitor.

Ocorre uma estreita ligação com o objeto-livro *A bonequinha preta*, de Alaíde Lisboa de Oliveira, o qual, para N., 69 anos, passa a representar o momento da alfabetização em que assumiu sua identidade leitora, por ter reconhecido que havia dominado essa atividade e pelo estímulo da professora. A materialidade do objeto-livro desencadeia lembranças de uma primeira experiência de leitura que se

procedeu pela narrativa de textos adjacente às situações que a acompanharam ou se fizeram presentes naquele momento.

As lembranças provocam, além de uma rememoração do cenário em que ocorreu o acontecimento – o local, a estrutura física da instituição escolar, as características dos objetos –, também a rememoração das relações que permearam esse ambiente da sala de aula – relações com colegas e professora – e do contexto social em que vivia – a rua onde morava, os vizinhos, a casa. Um livro que traz uma história condizente com a época, com a cultura, e traços determinantes de uma sociedade possibilita a recordação da infância e das circunstâncias sociais que compunham aquele momento da vida.

Pesquisadora: E o material que a senhora guardou?

N.: Olha, eu fui alfabetizada em uma cartilha, que na época se chamava: *Cartilha da Lili*, mas não sei o autor, não sei nada, porque eu era criança, e a gente não tinha interesse de querer saber, mas como eu me destaquei e comecei a ler primeiro que os outros, então a minha professora arrumou uma leitura intermediária pra mim e essa leitura intermediária foi *A bonequinha preta* [pegou o livrinho e mostrou], que eu amo, tenho o maior carinho. E no começo, quando eu lia *A bonequinha preta*, eu chorava de dó da bonequinha, porque na minha cabeça eu dava vida pra boneca, sabe, então, quando ela caiu no tabuleiro do verdureiro, né, eu chorava de dó da bonequinha, sabe, mas o que eu me lembro bem foi isso, nós fomos alfabetizados com a *Cartilha da Lili*, que começava com as vogais, depois ia juntando as sílabas e por último a leitura intermediária, que pra mim foi *A bonequinha preta*.

Pesquisadora: Como foi quando a senhora conseguiu este livrinho, esse primeiro contato seu com o livro?

N.: Nossa, eu lembrava a história, né, porque foi uma coisa que me marcou profundamente, mas, é... quando eu consegui o livro, sentei com ele, questão de minutos eu reli novamente, sabe, aí, foi aquela emoção, né, aquela lembrança gostosa da infância, da minha professora, da minha escola, sabe, que ainda existe, a escola mudou o nome, quando eu estudei era Coronel José Inácio, hoje ela é Benedita Braga Cobra, que é inclusive o nome de uma tia-avó minha, por quem assim eu tinha muito respeito, muita estima, então essa escola ainda existe também.

A narrativa textual pode aproximar o leitor de circunstâncias vivenciadas por ele, de situações ou modos de vida característicos de

um determinado tempo e lugar. Para N., a história *A bonequinha preta* traz o contexto social próprio da época: a presença de um vendedor de verduras ambulante:

Pesquisadora: O que mais aprecia neste livro?

N.: Olha na verdade o que eu aprecio é assim, é... a forma como a autora colocou a realidade daquela época, porque “a boneca caiu no tabuleiro de verduras do verdureiro”, são coisas que a gente não vê há muito tempo, isso né, ninguém vende mais verdura na rua, então, isso me chamou a atenção e eu tenho, assim, um carinho especial, porque são fatos daquela época, né, experiências daquela época, não sei se você conhece este livrinho, não?

Em outro depoimento (P. M.), encontra-se nítida descrição de um contexto narrativo interligado com a vida real do leitor. Na história *Os três porquinhos*, os personagens têm nomes, da mesma forma que os animais do sítio onde morava P. M. Uma narrativa que se aproximava de tal forma do contexto social e familiar da criança, que lhe provocava sentimentos de empatia e identificação com o texto:

P. M.: Exato, sempre quando tinha assim, eu já ilustrei através de momentos assim, algumas histórias deste livro. Hoje eu me lembro que não tem muito tempo, eu participei de um congresso... em espaço pequeno, na área de Bioética, foi um contador de história, ele contava histórias, que ele sabia contar histórias, tem que ter uma técnica, não é isso? Quem aprende a ler bem, aprende a contar história bem, então o que acontecia era que exatamente o fato de você contar a história de tal forma, a história, que é como se a pessoa estivesse expressando, quem está ali é como se estivesse na presença do personagem, se era um coelho, se era uma cabra, se era um porco, né, assim, parece que eles eram assim familiares à gente. O porquinho, não era aquele porco lá do chiqueiro, mas o porco era um inteligente, o Pedrico lá era um porco inteligente, né, o Palhaço, era o bobão, né, então, parece que a vida dos animais, a vida dos vegetais era uma vida muito próxima de nós, a gente era muito mais ecológico com isso, no fundo dizer, né... de tal forma que havia até um amor aos animais. Lá em casa se dava nome aos animais, o galo tinha nome, o porco tinha nome, e quando matava era um desespero, parecia que tava saindo até... [risos] Por que era a razão da... parece que isso cultivava o amor às criaturas também.

Pesquisadora: Tinha uma relação forte com a vida, né...

P. M.: Relação forte com a vida... Eu penso assim, claro que hoje existe outras formas de educar, claro, didáticas, sim, eu mesmo sei, né, mas cada tempo tem sua riqueza. O nosso tempo foi muito rico, muito rico, porque tinha que buscar, tinha que ser criativo, os recursos eram menos, então a criatividade tinha que ser maior, né, e cultivar a leitura era importante...

Os relatos mostram que o livro pode ser considerado um espaço de representações sociais, por trazerem no texto as marcas de uma cultura característica de um determinado lugar e época. O sentido do livro é construído pelo leitor no decorrer do tempo por desencadear lembranças da contextualização em que um dia se efetuou a leitura. Tais observações possibilitam afirmar, assim como Darnton (1990, p. 171), que “a leitura tem uma história” e que é possível recontá-la pelo estudo das práticas de leitura.

Leitura compartilhada

O relato de C. F., 64 anos, de sua primeira experiência de leitura com o almanaque *Jeca Tatuzinho*, de Monteiro Lobato, mostra o ato de ler como uma atividade realizada em ambiente não escolar: a residência familiar. A leitura era acompanhada por um membro da família, o pai, e seguida de vários procedimentos que orientavam e direcionavam essa atividade.

O pai, uma figura de autoridade, embora não fosse um pedagogo, organizava as atividades de leitura seguindo certos procedimentos didático-pedagógicos: ele lia o texto para/com a criança e ao mesmo tempo comentava as imagens; a criança lia o texto sozinha e lia para o pai. Depois da leitura-deleite e de todos os procedimentos, o material era guardado. Essa era uma prática de leitura desenvolvida com cada filho após a alfabetização.

Pesquisadora: Quando você era criança, ele (o pai) te deu para ler o livrinho. Você consegue se lembrar? Como foi a história?

C. F.: Ah, sim. Um dia, porque meu pai tinha uma caixa grande, assim, de uns setenta centímetros, de comprimento, por uns quarenta de altura, essa

caixa de madeira, foi feita por ele, porque ele era muito habilidoso, tinha chave, ali ele guardava os seus tesouros... Sabe, meu pai era filho de europeus e os europeus prezam muito esta parte cultural, né, essa parte... ele tinha desde os primeiros cadernos dele de escola, tinha moedas antigas, era ali... ali era um baú de tesouro, e quando meu pai ia mexer no baú de tesouro eu ia correndo pra ver, só pra ficar olhando. Quando ele abriu o baú para tirar isso pra que eu lesse, eu quase morri de alegria, tomei todo o cuidado, todos tomaram. Já se passaram pra mim, que eu li, 59 anos.

Pesquisadora: Que ele está guardado faz 64 anos né?

C. F.: Ah, é... 64 anos... mesmo que ele está guardado. E meu pai leu várias vezes, ele comentava depois que lia, eu tinha cinco anos, ele comentava: “O que você achou disso?”. E mostrava as figuras pra mim e eu ia contando pra ele, sabe, e ele se deleitava também. [...] Eu achei maravilhoso esse livro. E esse livro pra mim é precioso. Porque depois que eu me deleitei, que eu li várias vezes, aí meu pai guardou e passou para a minha irmã quando foi alfabetizada, não foi pela Dona Biluca, não, minha irmã, era assim rebelde, ela é dois anos mais nova que eu, aí ela foi para escola normal do grupo mesmo. Quando ela foi alfabetizada, ela leu também, e ele guardou de novo, aí quando chegou a vez do meu irmão, leu também, o pai guardou, e a minha irmã caçula idem, e assim foi preservado o almanaque.

O depoimento de V. K., 59 anos, revela a afetividade com o *Reino Infantil*, pelo cuidado em conservar os livros, que representam uma prática de leitura em cumplicidade com outro leitor, a mãe, apresentada como uma leitora de contos para a filha. Uma atividade de leitura em voz alta cercada de envolvimento: pelas narrativas, que possibilitavam a apropriação do mundo do texto, a aproximação e a vivência de mundos e terras distantes; pelo enlace emocional, compassivo da relação maternal. Um modo de ler que revela proximidade entre a criação imaginária e a relação afetiva entre os leitores, numa prática ledora compartilhada:

Pesquisadora: Sobre o livro que você guardou, V., como foi a história?

V. K.: Esse livro infantil, na verdade é uma coleção de quinze livros, [folheando o livro] contos de escritores clássicos, Hans Christian Andersen, Charles Perrault e Jacob Ludwig Karl Grimm, irmãos Grimm famosos, e, lógico que naquela época eu não tinha consciência do valor

desse escritos. É... Toda vez que minha mãe lia pra mim um conto, no início, eu viajava, mentalmente, principalmente esses contos que falavam das mil e uma noites, de Bagdá, do Oriente, então eu ia longe, porque a gente imagina, né, imaginação vai longe, e isso pra mim era uma maravilha. Então as noites minhas eram especiais, quando a minha mãe tinha tempo, e ia ler perto da cabeceira algum conto pra mim, era uma fonte, esses livros sempre foram fontes de viagens, inimagináveis, eu curti muito isso daqui...

A leitura dos contos pela mãe torna a atividade significativa, e a presença dos livros representa, além do encantamento da criança pelas histórias, a reconstituição da relação familiar, principalmente maternal, e tudo o que emana desse convívio: os sentimentos de proximidade, afinidade, respeito e admiração.

Leitura marcada e ensaiada

E. P., 77 anos, leu os quatro livros da série *Meninice*, de Luis Gonzaga Fleury, que correspondem às quatro primeiras séries do ensino fundamental, cursadas num prazo de um ano: o material de leitura aparece repleto de registros, reveladores de ações leitoras. Tais registros indicam a necessidade de mostrar, àquele a quem o livro pertencia, quem era o professor e qual o tempo de realização da leitura e evidenciam a aprendizagem em um tempo em que ter estudo, dominar as práticas de leitura e escrita, representava para a leitora a possibilidade de ingresso numa sociedade letrada.

Pesquisadora: Como foi o primeiro textinho que a senhora conseguiu ler?

E. P.: O... Ele dava pra gente, aqui o... a marca da... do tamanho da lição, mais era pra dá pra ele preparado, então a primeira lição foi essa aqui: “A perereca verde”, e era até aqui só [mostrando no livro]. Ele dava trechinho pequeno, “mas é pequeno, não vou dá bastante pra

vocês não fazer serviço malfeito, eu vou dá pequeno a lição”. Ele não riscava com lápis pra não ficá muito rebocado os livros, então, e... era cuidadoso! Então ele mandava a gente estudar, pra dá pra ele sem errá o nome, pra lê direto.

Pesquisadora: O que a senhora mais gostava nos livrinhos?

E. P.: Ah, eu mais gostava era essas historinhas, o que eu mais gostava, e... eu adorava, volta e meia eu lia, lia o trecho que ele marcava e saía, daqui um pouco eu voltava lá e ia lê a historinha de novo, tinha umas historinhas muito gostosa, sabe, a gente ria, nossa. Às vezes, chamava as minhas irmãs, “vamos estudar um pouquinho agora, pra gente vê?”. Uma hora era a historinha da perereca, outra hora era a historinha do lobo e a gente ficava esperando e começava, às vezes, até mexe uma com a outra, insulta que uma era o lobo e a outra a perereca, e assim a gente ia passando pra frente.

Os traços a lápis deixados pelo professor são quase imperceptíveis, demonstram gestos cuidadosos para não macular o objeto-livro. Tais marcas sinalizam os excertos que deveriam ser lidos e apresentados para o professor ou para o restante da turma. Uma leitura treinada para apresentação, uma atividade instigante de brincadeiras e de relações interpessoais.

Leitura declamada

É interessante ressaltar que a maioria das pessoas entrevistadas lembrava-se de um poema que havia decorado e declamado, ora em ambiente escolar, ora em ambiente não escolar. C. F. também nos conta de outro livro que o pai guardou, *Cuore*, de Edmundo de Amicis¹ – pertencera ao pai, fora dado para a filha, lido e manuseado até sua deterioração. Por lembrar-se dos textos, declamou um poema quase completo:

1 “Em 1886, surgiu na Itália um novo livro de leitura. Girava em torno dos dias de escola de um menino, Henrique, e apresentava as lições sob a forma de diário redigido por este. O novo livro, *Cuore*, foi somente um dos numerosos volumes saídos da pena de Edmundo de Amicis (1846-1908), prolífero escritor italiano [...]. As principais traduções em português de *Cuore*, segundo D’Avila (1967-1968), são de Ramalho Ortigão (trechos) e Miguel de Novais (integral). Em 1891, aparece a tradução de Valentim Magalhães – tradução que em 1892, de acordo com o autor citado, já era adotada numa escola paulista.” (PFROMM NETTO, 1974, p. 174).

Pesquisadora: Ele (o pai) tinha outros livros?

C. F.: Tinha um livro que se chamava *Cuore*, de Edmundo de Amicis. Esse livro ele me deu, infelizmente, ainda criança, e eu acabei com o livro, infelizmente. Havia histórias maravilhosas, poemas, que eu sei de cor até hoje...

Pesquisadora: Você sabe, pode declamar um?

C. F.: Sei, sim... Havia um poema no livro *Cuore* chamado “Sonho”, começa assim:

“A hora em que as cortinas se fecham lentamente,
E a noite vai descendo silenciosamente,
Os olhos cerram e durmo no meu cantinho leito.
E sonho, por mil minutos, passeio satisfeito.
Então bem me lembro,
Entrei numa cidade, e que cidade linda!
É pena não ser verdade,
As ruas eram todas de pão de ló calçadas,
De rapadura as casas
E os muros de queijadas” [e continuou declamando].

Para P. M., estar diante do livro é um momento de gosto, de prazer, que possibilita a lembrança da infância e também do aprendizado naquele momento escolar – uma aprendizagem marcada por diferentes práticas de leitura a partir do texto, como declamar um poema ou cantá-lo. As atividades diversificadas e musicalizadas aproximavam-se do cotidiano, da religiosidade, e despertavam um gozo pelo escrito, pela leitura e pelo próprio livro:

Pesquisadora: E hoje, diante deste livro, que sentimentos que o senhor tem, que sensações?

P. M.: Ah, eu tenho sentimento de gosto, quando eu me lembro é como se eu relembresse, talvez lá o contato com a... com a... a infância, com os aprendizados, isso falava da vida, falava da nossa fé, olha pra você ver. [Leu um poema.]

“A barca nova

Oh, vamos, Maria, vamos

Pela praia passear,

Vamos ver a barca nova

Que no céu caiu...”

Mas, era cantado. [Depois cantou.]

“Oh, vamos, Maria, vamos

Pela praia passear

Vamos ver a barca nova

que do céu caiu no mar.

Nossa Senhora vai dentro

Os anjinhos a remar.

Remem, remem, remadores

Que as águas são de flores.”

E cantava, era bonito. Era uma coisa que dava à gente suporte, esse gosto pelo livro.

O depoimento de D. S. mostra como a aprendizagem escolar pode tornar-se significativa ao reconhecer as potencialidades da criança: ter sido escolhida entre vários alunos para ser a oradora, ter-lhe sido confiada a declamação de um poema tornou-se um momento marcante em sua vida escolar:

Pesquisadora: O que a senhora guardou dessa época?

D. S.: Ah, eu guardei tudo de melhor que eu aprendi, foi muita coisa boa, teve colega que a gente não esquece, e... e essas professoras, também na quarta série que a professora pediu pra eu fazer o discurso de encerramento, uma poesia que eu me lembro até hoje a poesia, que era para declamar, no diploma, na formatura.

Pesquisadora: Como era a poesia?

D. S.: Era “A menina que gostava de leite de cabra”, do Afonso Schmidt, [risos] era muito bonitinha...

Pesquisadora: Fala um pedacinho pra gente.

D. S.: “Quando acorda

Com o ruído do pessegueiro

É hora doirada

Em que o passo cabreiro

Com suas cabritinhas tão bonitinhas,

São cerca de cinquenta,

Mais contando bem,

Talvez não passem de trinta...”

Aí, a gente gesticulava, sabe, e os coleguinhas aplaudiam, né, ficavam todo envergonhado, quando eu fui pro palco os coleguinhas falavam: “Você tem coragem, você tem coragem?”.

Decorar um poema e declamá-lo a um público, quer restrito apenas a um membro da família ou ao professor, quer ampliado aos colegas de sala de aula ou à instituição escolar, torna-se uma prática significativa para aquele que a executa. Uma atividade que ganha seu primor, antes, por exigir certo esforço e empreendimento pessoal para apresentá-la; depois, por atribuir ao leitor a sensação de vitória pela declamação.

Compreendendo os diferentes modos de ler a partir de um material de leitura

A leitura não se mostra um ato isolado de um contexto social, nem somente cognitivo, uma técnica aprendida e efetuada sistematicamente. A leitura é capaz de mobilizar valores e sentidos atribuídos por sujeitos atuantes. São modos de ler, que trazem, também, modos de conservação de um tempo de vida e de escolarização. Modos de ler que acontecem em cumplicidade: lê-se com o outro e para o outro. Uma leitura que se faz em voz alta por uma pessoa, enquanto a outra ouve: a mãe que lê para a filha na cabeceira da cama, o pai que lê com a filha, as irmãs que leem juntas, a menina que lê para os colegas, para os adultos, que hoje releem para a pesquisadora.

As práticas de leitura, observadas nos relatos, mostram o ato de ler como uma atividade desejosa e desejada pela criança. Há uma procura pela leitura-escrita, quer pelo incentivo de uma figura de autoridade – o professor, o pai, a mãe –, quer pela legitimidade do ato, quer ainda pela própria necessidade do domínio dessa prática, por estar *no interior de modelos e de normas compartilhadas*:

[...] há esta multiplicidade de modelos, de práticas, de competências, portanto há uma tensão. Mas ela não cria dispersão ao infinito, na medida em que as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e de normas compartilhadas. Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante à mesma comunidade. (CHARTIER, 1999, p. 91).

Se ao leitor é atribuída uma característica “singular” por ocorrer a cada leitura uma produção de sentidos, isso não significa ser ou

estar solitário em sua prática, mas antes inteirar-se e integrar-se em uma mesma comunidade de leitores, com gestos, usos e práticas de ler que são compartilhadas.

Constatamos que as práticas de leitura acontecem de maneiras e em locais distintos: *leituras escolares* aconteciam exclusivamente em salas de aula, orientadas pelo professor, que selecionava e determinava leituras precedentes de pequenos textos, poemas, letras de música, para uma apresentação posterior, seja para os colegas, seja para toda a escola. Uma leitura treinada, ensaiada e decorada, cobrada e exigida.

O declamar é uma prática escolar vivenciada pela maioria dos depoentes. Eles decoravam um poema e recitavam em voz alta para um pequeno ou grande público, num clima de orgulho e entusiasmo. Muitos nos disseram ainda saber os textos de memória e durante a entrevista declamaram o poema quase na íntegra: lembravam os versos, a entonação e os gestos, mesmo depois de décadas.

Tais relatos evidenciam o que Darnton (op. cit.) denomina “leitura intensiva”, marcada pelo hábito de percorrer minuciosamente um pequeno número de textos, em especial a Bíblia. Embora os leitores entrevistados não destaquem a leitura de textos bíblicos, é possível perceber a mesma dedicação e prática de ler repetidamente os textos escolares.

A descrição dessa prática de leitura é também analisada por Chartier (2001, p. 86), que a descreve como uma leitura pessoal que, realizada na individualidade, é, antes, adquirida numa ação coletiva: “a leitura pessoal encontra-se situada em uma rede de práticas culturais apoiada sobre o livro: a escuta de textos lidos e relidos em voz alta, na família ou na igreja, a memorização desses textos ouvidos, mais reconhecidos do que lidos, sua recitação para si ou para os outros”.

Ainda que os estudos de Chartier digam respeito aos textos bíblicos, pode-se estabelecer uma proximidade com os resultados desta pesquisa, por estar em evidência uma prática cultural do escrito e uma reverência, um respeito ao objeto-livro, pelo fato de que

essa leitura intensa produz a eficácia do livro, cujo texto torna-se uma referência familiar, cujas fórmulas dão forma às maneiras de pensar e de contar. Uma relação atenta e deferente liga o leitor àquilo que lê, incorporando em seu íntimo a letra do que leu. (Ibidem).

Encontramos também a leitura ensinada pelo professor, acompanhada por modelos, por gestos peculiares, por uma determinada postura: em posição ereta do corpo, em pé, segurando o livro na mão direita, com o polegar na página lida, a outra mão atrás do corpo, seguindo um ritual organizado e instruído pelo professor. O texto ganha significado na relação com “o corpo que lê”, e se constitui por uma leitura historicamente datada, desempenhada por sujeitos concretos e com uma dada finalidade, o texto surge e opera a partir de situações de leitura, do “fora-do-texto”, segundo Goulemot (op. cit., p. 108), “para além do sentido das palavras”.

Identificamos, ainda, práticas de leitura *não escolares*, ou seja, leituras realizadas em diferentes ambientes e situações. Essas leituras ocorrem no quarto, na sala de estar, na rua, na mesa da cozinha; são assistidas por familiares sem ou com uma didática preestabelecida, acompanhadas por práticas específicas, diferentes daquelas aprendidas no ambiente escolar. Por exemplo, o pai lê o almanaque *Jeca Tatuzinho* e pede para a filha dizer o que acha sobre as gravuras; ou um irmão convida a irmã para lerem juntos o texto indicado para estudo, como uma espécie de treino, de competição de habilidades, antes de apresentá-lo para o professor.

Um livro que representa uma leitura permeada por uma relação social, por um momento de proximidade, de interação entre pessoas. Uma atividade que acontece em espaços distintos: o familiar e o escolar. No primeiro, percebemos uma representação fraternal da leitura, uma relação de cumplicidade, de partilha, quando se lê com ou para o irmão, quando ocorre o repasse do material de leitura, quando se reconhece que o livro não é um objeto individual, mas familiar. Também existe uma relação entre pai e filho ou mãe e filho, marcada pela troca de sentimentos, de cuidados e de afinidades, assumindo a representação de uma relação paterna ou materna. O segundo espaço compreende uma representação de leitura construída entre aluno e professor, indicando uma relação de respeito, admiração e empatia; há reconhecimento e valorização daquele que propiciou, reconheceu ou estimulou a aprendizagem e a realização da prática de leitura.

São essas diversas ações e interações do leitor com um material de leitura e com outros leitores que proporcionam a construção de

sentidos. Ler ultrapassa a esfera codificadora de um significado único e acabado, torna-se “operação leitora”, segundo Certeau (1994, p. 268), de “leitores viajantes”, que percorrem lugares alheios, e adquire a condição múltipla e efêmera, pois a cada leitura se instaura uma prática dinâmica, interativa e contínua, em que se produzem outros novos sentidos para o texto.

Referências bibliográficas

- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Tradução de M. M. Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de M. Del Priore. Brasília: Editora UnB, 1994.
- _____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Unesp, 1999.
- _____. (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GOULEMOT, Jean Marie. “Da leitura como produção de sentidos”. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 107-116.
- LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- PFROMM NETTO, Samuel. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.

Recebido em maio de 2010 e aceito em novembro de 2010.